

## A DESCRIÇÃO NA NARRATIVA ORAL

O presente trabalho visa a investigar os meios de que se serve o narrador para inserir descrições na história que está contando, e o papel que os segmentos descritivos desempenham na economia interna da narrativa.

Consiste o *corpus* em trinta e oito narrativas extraídas de entrevistas gravadas pelo Projeto NURC, no Recife, no Rio de Janeiro, em Salvador e em São Paulo.

Pretendemos mostrar que, embora possa parecer periférico o papel desempenhado pelas descrições, estas são relevantes, na medida em que servem para transmitir um saber necessário à compreensão do desenrolar dos acontecimentos narrados  $\frac{3}{4}$  descrição “informativa”  $\frac{1}{4}$  ou veicular um comentário apreciativo  $\frac{3}{4}$  descrição “avaliativa”.

Não é nosso propósito discutir o conceito de descrição, mas julgamos importante considerar alguns traços característicos que diferenciariam **narracão de descrição**.

Consideraremos descrição o segmento textual que contém um conjunto de denominações hierarquizadas, composto por orações restritas ou livres e que apresenta as características de um objeto, expressa sentimentos ou representa ações.

Tomaremos por base as observações apresentadas por Labov e Waletzky (1967) sobre a estrutura da narrativa. Os autores focalizaram “a menor unidade de expressão lingüística” que define as funções da narrativa  $\frac{3}{4}$  basicamente a oração. Segundo Labov e Waletzky (1967:21-23), as verdadeiras orações narrativas são as que eles denominam **independentes**, orações temporalmente ordenadas que obedecem a uma ordem fixa: a inversão da ordem acarreta modificação na interpretação semântica original. As que se deslocam livremente ao longo de todo o relato e que, as mais das vezes, descrevem as circunstâncias em que ocorrem os acontecimentos, são denominadas **orações livres**. As orações narrativas e as orações livres são, sob esse aspecto, nitidamente contrastantes. Elas constituem meios básicos para realizar as duas funções da narrativa: as primeiras recapitulam os acontecimentos ordenados temporalmente; as segundas, expressam a avaliação, indicam o objetivo da história. Os autores consideram ainda duas espécies intermediárias: **orações coordenadas**  $\frac{3}{4}$  geralmente grupos de duas ou três orações intercambiáveis que podem ser reordenadas em bloco  $\frac{3}{4}$  e **orações restritas**  $\frac{3}{4}$  que têm uma possibilidade limitada de deslocamento. A coordenação

deve ser entendida menos em termos gramaticais do que em termos discursivos. Assim, é possível que orações coordenadas gramaticalmente não o sejam no sentido que lhes conferem Labov e Waletzky. As orações restritas, segundo os mesmos autores (1967:23), “nem são livres nem ordenadas temporalmente no sentido estrito”.

Um exemplo deixará claro as possibilidades de deslocamento das orações restritas:

(1) *éh teve um caso me recordo no:... na: no Recôncavo Baiano... numa viagem que nós fizemos até:... de: Salvador... até Santarém... se não estou enganado... ou foi Valença... e: nessa nesse trajeto... uma pessoa sentiu-se mal... e:... pediu pra parar o ônibus... e o rapaz éh: que dirigia... o chofer... disse: “BOM: diga lá: pra ele”... através do:... do:... cobrador... “diga pra ele que daqui mais ou menos uns quinze minutos chega noutra cidade... e eu paro o ônibus”... o cobrador veio e disse “olhe daqui mais um pouco terá outra parada”... e ele ((rindo)) ele disse que não agüentava... que ele parasse o ônibus de qualquer jeito... então... o chofer disse “mas não posso parar não tem éh:... aonde o senhor ir”... ele disse “mas eu vou lá atrás do ônibus”... e: nessa história a coisa foi engrossando e o rapaz já pálido: quase que: cadavérico... branco sentindo-se mal... ele então foi... e parou de qualquer jeito porque o rapaz tava sentindo-se mal... e:... e o rapaz em lugar de ir atrás do ônibus **realmente: não não tinha um/ aonde ir porque de um lado e do outro era um descampado muito grande... terra... seca sem árvores sem nada só xiquexique mandacaru e: mal tinha to/ touceira dessas coisas... não havia praticamente arbustos nada...** e o rapaz o que é que fez? ... éh: nem atrás do ônibus foi... subiu naquela escada que tem atrás do ônibus nessas sopas de interior... né?... subiu... e: e lá em cima num: pequeno... local onde eles guardavam as ma:las... né? ele bateu... e disse para o o condutor... “continua a... a viagem”...*

( Inq. 99/RE- 1. 98-118, pág.: 95)

Observe-se que os comentários descritivos (em itálico) podem, sem alterar a interpretação semântica original, ocupar alguns lugares na narrativa, mas não todos. Assim, por exemplo, podem ser deslocados para antes ou para depois de “não posso parar não tem éh: ... aonde o senhor ir”, ou para “éh: nem atrás do ônibus foi”, mas não podem ocupar nenhum lugar depois de “continua a viagem”.

Depois de ratificar as palavras do motorista (**realmente: não tinha um/ aonde ir**), o narrador introduz orações explicativas, *restritas* (com possibilidade limitada de deslocamento), que descrevem elementos da paisagem, do cenário exterior, que, por sua vez, reforçam as próprias palavras do narrador. A descrição funciona aqui como uma espécie de aparte, que ressalta o ponto de vista do contador a respeito das personagens da história. Talvez se possa classificar como avaliativo-referencial essa espécie de descrição que, a um só tempo, transmite um conteúdo informacional e veicula uma orientação pragmática.

Para caracterizar os segmentos descritivos, ao longo do presente trabalho, recorreremos à classificação acima exposta.

As narrativas não podem prescindir de um mínimo do que Labov (1972) chama orientação (indicação do tempo, lugar, personagem e situação da história). A descrição, nesse caso, teria por função essencial assegurar o funcionamento referencial da narração. Vejamos os seguintes exemplos:

(2) ... eu quero dar um exemplo aqui... eu *CRIO um sobrinho... que está com quinze anos de idade...* fazendo a: o quarto ano ginásial ou quarta série não sei que nome mais se dá a isso faz tempo

(Inq.145/RE, p.157, l.50-53)

(3) não... nós não éramos preocupados com segurança e num... eu não me lembro de ter tido assim problema de ladrão... eu não me lembro... eu me lembro é um problema de ladrão... mas **foi em outra casa que eu morei na rua Dezenove de Fevereiro...** se você quiser que eu descreva essa casa... eu também descrevo... *essa era ( ) horrível... essa era uma casa desagradável... porque era uma casa muito mal construída... muito mal feita... enchia... a rua enchia a casa enchia também ((risos)) entrava água dentro dela... que era muito baixa... né? e tinha uma coisa horrível... que era um telhado em cima... ou... um telhado não... um terraço... em cima... de... de cimento armado que parecia o pátio de uma prisão... né? aquilo era horrível... nós moramos ali eu já era rapazinho e estava na faculdade até... uma vez entrou um ladrão lá*

(Inq.223/RJ, p.89-90, l.95-106).

Nos exemplos acima, a descrição, composta por orações livres, antecede a seqüência de acontecimentos e forma a seção de orientação. Mas, ao passo que em (2) a principal função dos segmentos descritivos é fornecer o quadro da história: espaço, tempo, personagem; em (3), os elementos descritivos, em sua maior parte, têm uma função predominantemente avaliativa: informam sobre os sentimentos do narrador, seu julgamento sobre o aspecto físico da casa, que nos é apresentada pelas qualidades que lhe atribui o contador da história. Alguns dados referenciais como: *era muito baixa* e *tinha um terraço em cima de cimento armado* parece só terem sido mencionados para propiciar outras avaliações. Note-se que a orientação propriamente dita **foi em outra casa que eu morei na rua Dezenove**

**de Fevereiro e nós moramos ali eu já era rapazinho e estava na faculdade**  $\frac{3}{4}$  emoldura os comentários avaliativos.

Para melhor compreender a ênfase posta na apreciação da casa, deve-se considerar o contexto em que se insere a descrição: o locutor, por solicitação do documentador, descrevera a casa em que morara quando criança, e que ele qualificou de “maravilhosa”. Ao ser indagado, em seguida, se não havia problema de segurança, o informante conta uma “história de ladrão” que teve por cenário outra casa, esta por ele classificada de “horrível”. A descrição tem, assim, uma dupla função: situar os acontecimentos e atender a uma possível solicitação do entrevistador

A avaliação, nas palavras de Labov (1972:366), “é o meio usado pelo narrador para indicar o fulcro de interesse da narrativa, sua *raison d'être*: por que ela foi contada, e aonde o narrador está querendo chegar.” O caráter multiforme da descrição permite que nela co-ocorram diversos mecanismos lingüísticos e artifícios retóricos que dão forma à avaliação. Em (3), por exemplo, na descrição do terraço, o narrador utiliza um dos mecanismos avaliativos elencados por Labov (1972) a comparação. Trata-se aqui de uma comparação metonímica, mais precisamente de um símile: “*parecia o pátio de uma prisão*”. Há também uma comparação, uma vez que “*essa era ( ) horrível... essa era uma casa desagradável...*” se contrapõe à outra casa cujas características são diferentes dessa: a casa “maravilhosa”, a casa da infância do narrador. O uso de intensificadores (**muito** mal construída; **muito** mal feita; **muito** baixa), de explicativas (**porque** era uma casa muito mal construída), de símile (**parecia o pátio de uma prisão**), de sinônimos (**mal feita e mal construída**) acentuam o caráter avaliativo desses enunciados.

Outro aspecto a ser considerado é a mudança dos tempos verbais: os elementos referenciais têm os verbos no perfeito, ao passo que os comentários avaliativos apresentam os verbos no imperfeito.

O que observa Ducrot (apud Adam e Revaz, 1996:39) para o francês, aplica-se com justeza ao caso em análise: “quando um enunciado está no imperfeito, o estado ou acontecimento que constituem seu comentário são apresentados como propriedades, como características do tema, e qualificam este em sua totalidade”.

O uso do imperfeito parece caracterizar as descrições que veiculam comentários avaliativos, estejam eles situados na seção de orientação  $\frac{3}{4}$  (2) e (3)  $\frac{3}{4}$  ou façam parte do núcleo do relato (seção de complicação, nos termos de Labov), salvo nos casos em que se descrevem ações, como se pode observar nas passagens abaixo, em que a representação ou dramatização se torna mais evidente:

(4) chegando lá em Estocolmo, **ele foi estacionar o... o carro, parou, assim, no meio-fio, abriu a porta, fechou o carro; quando ele foi andando, o**

**guarda... aproximou-se um guarda /.../ disse que ele voltasse e estacionasse o carro mas próximo do meio-fio.**

(Inq.100/SSA, p.123, l. 125-128)

(5) **Ele voltou, ligou o carro, estacionou, encostou bem ao meio-fio.** Nisso, quando ele saiu, **ele tirou a carteira de cigarro, só restava um cigarro, ele tirou o cigarro, pegou essa carteira, machucou a carteira e jogou no chão.** (inint) **ele foi andando, um guarda chamou.**

(Inq.100/SSA, p.123, l.118-123)

(6) já sofri um desastre violento que quase morri... / .../ o:: **ônibus derrapa com muita facilidade na estrada... e ele derrapou... e saiu do leito da estrada... e foi contra um barranco... nisso o motorista deu um giro de cento e oitenta graus o ônibus capotou... bateu de lado e virou... de roda pra cima... foi aquele pandemônio lá dentro...**

(Inq.112/RJ, p.163, l. 140-157)

Em (4) e (5), as narrativas servem como argumento para a tese: a disciplina é o melhor meio de se evitar problemas. A descrição das ações está inserida na seqüência narrativa e dela é dificilmente separável. Há, nesses exemplos, uma série de atos sucessivos e hierarquizados, mas não há uma mudança temporal de um estado de coisas a outro, não há uma relação de causalidade. Cumpre ressaltar também que o simples emprego do passado não é suficiente para transformar descrição de ações em relatos de acontecimentos. As orações descritivas caracterizam-se como restritas: têm a possibilidade, ainda que limitada, de mudar de posição, sem prejuízo da interpretação original.

Assinala Schiffrin (1981: 50) que “por serem as orações restritas limitadas a certa cena ou a certo episódio, o tempo de acontecimento que lhes é próprio é também fixo: entende-se que cada um dos acontecimentos que se estende imbrica-se com os acontecimentos das orações adjacentes”. Daí a restrição de deslocamento imposta a essas orações.

A descrição das ações em (4) e (5) permite, por deslizamento metonímico da referência, construir um elemento ausente (implícito): a maneira de agir e pensar da personagem que executa as ações. Em vez de descrever a personagem apresentando partes ou propriedades dela, o narrador a caracteriza por suas ações. Note-se que se trata de uma narrativa de experiência vicária; o narrador não presenciou os acontecimentos, o que não o impede de ser minucioso na descrição das ações supostamente realizadas pelo protagonista da história. Observe-se ainda que certos pormenores da seqüência de ações poderiam ser facilmente inferidos pelo receptor da história, sendo, portanto, aparentemente dispensáveis. Por exemplo, não era preciso dizer que o motorista *abriu a porta e fechou o carro*, visto que são ações habituais, saberes compartilhados mesmo por quem não é motorista. Esses pormenores, no entanto, ganham importância na medida em que opõem as ações metodicamente realizadas à indisciplina do motorista quanto às leis de trânsito.

O modo em que a descrição se insere na narração, encaixando-se de forma natural, sem interromper a narrativa, parece ser uma característica da descrição de ações. Quando a seqüência descritiva se refere a ações, a impressão é de que não há interrupção da narração, e não se percebe o retardamento no desenrolar dos acontecimentos, o que ressalta o caráter representado ou dramatizado da descrição.

Em (6), a narrativa é de experiência pessoal. A descrição, assim como em (4) e (5) está inserida na ação de complicação. Há também duas seqüências descritivas que desenvolvem dois temas respectivamente: **o ônibus derrapou; o ônibus capotou.** Em (4), a descrição é denotativa  $\frac{3}{4}$  o locutor relaciona microações que compõem uma ação complexa. Em (6), o locutor se vale de metáfora e hipérbole. O emprego do polissíndeto, construção essencialmente enfática, ressalta cada movimento do ônibus ao derrapar e ao capotar. Não obstante essas diferenças, os dois exemplos se aproximam pelo modo em que é construída a seqüência descritiva: microações sucessivas que formam uma macroação. Em ambos os casos há alguma transmissão de informação, mas o que parece mover os narradores/descriptores é o propósito de chamar a atenção para um aspecto da narrativa e assim valorizar a sua história e pôr em relevo um ponto de vista.

Em (6), a relevância da narrativa se evidencia graças à descrição, pois é por intermédio dos comentários descritivos que o narrador oferece aos ouvintes uma experiência mais vívida e envolvente dos acontecimentos que está contando. É ela que justifica a afirmação feita no início: **já sofri um desastre violento que quase morri**, porque, como se verá, na resolução da história, o narrador-protagonista diz ter sofrido “pequena rachadura na clavícula... e: um pouquinho de fratura em algumas costelas”.

Observa-se, assim, que certos enunciados descritivos possuem mais do que um mero sentido referencial e informativo; visam não apenas à representação de um estado de coisa, senão também a desenvolver um argumento e levar o interlocutor a apreender (ou construir) o *point* da narrativa em que esses enunciados se inserem.

As passagens abaixo, inseridas em narrativas de experiência pessoal, são constituídas por orações restritas e descrevem objetos, mas têm funções diferentes.

(7) ele tinha mandado construir **uma casa...** na::... lá no:: meio do pasto... roçar e construir **casa** quando ele chegou lá... nem estrada não tinha para ele entrar na nossa fazenda... **a casa não estava construída...** então ele foi obrigado a morar durante três meses numa **tapera feita de palitos... coberta com folhagem... chão de terra batido...** aí m/ meus pais ficaram::... outubro novembro e dezembro... quando foi dia trinta e um de dezembro... que a **nossa casa** já estava... mais ou menos construída... (tinha) *os... paredes (tinha) O chão de... madeira...*

e o telhado... não tinha nem porta nem janela e ele disse “não passo o ano novo nessa casa... vagabunda”... (Inq.208/SP, p.91-92, 1.109-120)

(8) /.../ e: a impressão que dava é que ela levava um verdadeiro arsenal de espionagem ((ri)) internacional... e: no meio dessa história toda **ela levava também** (4s) **um pó...ocre né?** *é uma espécie de tinta... de se/ em geral pintava eu não sei se pinta hoje rodapé... de casas... ela levava* porque ela utilizava esse ocre...para a pintura... o:u modificação da das cores dos panos... né?

(Inq. 099/RE, p.109, 1.751-756)

A descrição em (7) é constituída por orações restritas e, embora descreva metonimicamente a **tapera** e a **casa**, tem uma função mais avaliativa do que referencial, como se verá a seguir.

Por meio da descrição, o narrador estabelece um contraste entre o que ele considera **casa** e **tapera**. Note-se que a oposição se dá também na escolha vocabular; cada aspecto da tapera, descrito metonímica e metaforicamente, tem seu correspondente denotativo na descrição da casa: feita de **palitos/paredes**; coberta de **folhagens/telhado**; **chão de terra batido/chão de madeira**. A linguagem utilizada ressalta a diferença entre a casa e a tapera.

Embora em ambos os exemplos as descrições se refiram a aspectos físicos de um objeto e estejam insertas numa secção de complicação, (7) difere de (8) por ser esta basicamente informativa ao passo que a primeira é fundamentalmente avaliativa. A diferença na direção argumentativa também se reflete no emprego dos tempos verbais. Em (8), a passagem dos tempos anafóricos (passado e imperfeito) para o tempo presente traduz o propósito de fornecer uma expliação que o falante julga necessária à compreensão da seqüência narrativa. Em (7), o narrador emprega, na descrição da tapera, uma forma nominal do verbo (particípio), que sugere processo, ao passo que alguns dos elementos que descrevem metonimicamente a casa são introduzidos por verbos no imperfeito, sugerindo ação inconclusa, que, por sua vez, confirma o expresso no segmento que antecede a descrição: *a nossa casa já estava... mais ou menos construída*.

Considerando a pequena extensão do *corpus* e a própria natureza deste trabalho, não nos aventuraremos a arriscar conclusões. Em vez disso, limitar-nos-emos a fazer algumas observações de caráter geral.

Os segmentos descritivos que se intercalam nas narrações nem sempre têm por objetivo a transmissão de uma informação necessária à boa compreensão dos acontecimentos que estão sendo narrados; as mais da vezes, as descrições servem também para veicular um comentário avaliativo.

Os dados analisados revelaram que as descrições se expressam lingüisticamente por meio de orações livres e restritas. Parece que a depender do tipo de descrição, as possibilidades de deslocamento se-

rão maiores ou menores. As orações restritas que descrevem objetos podem deslocar-se mais livremente por quase toda a narrativa, tornando-se por vezes difícil diferenciá-las das orações livres. Já nas descrições de ações, talvez por estarem muito próximas da natureza das orações narrativas, é pequena a margem de deslocamento.

Não se pretende afirmar que a descrição seja o mais importante mecanismo de avaliação, mas é certamente um dos mais complexos, exigindo certa experiência do narrador. Cabe assinalar que os estudos da narrativa parecem não haver, até o momento, considerado a relevância da descrição como artifício avaliativo.

Ao intercalar descrições na história que está contando, o narrador, ao mesmo tempo em que analisa os acontecimentos, fornece ao ouvinte elementos que lhe possibilitem não só entender e apreciar a história, senão também, e principalmente, interpretar o que ela expressa ou pretende expressar.

## Bibliografia

- ADAM, Jean-Michel & REVAZ, Françoise. (1996) *L'analyse des récits*. Paris: Seuil.
- CALLOU, Dinah & LOPES, Célia Regina (orgs). (1993) *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. v.2, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras; UFRJ.
- HAMON, Philippe. (1972) Qu'est-ce qu'une description? *Poétique*. n.12, p.465-485.
- LABOV, William & WALETZKY, Joshua.(1967) Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience. In: HELMS, June (ed.). *Essays on the Verbal and Visual Arts*. Seattle: University of Washington Press. p.12-44.
- LABOV, William. (1972) The Transformation of the Experience in Narrative Syntax. In: LABOV, W. *Language in the Inner City*.Oxford: Basil Blackwell. p.354-396.
- MOTA, Jacyra & ROLLEMBERG, Vera (orgs). (1994) *A linguagem falada culta na cidade de Salvador: materiais para seu estudo*. v.1. Salvador: Instituto de Letras.
- PRETI, Dino & URBANO, Hudinilson (orgs). (1988) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo* v.3. São Paulo: T. A. Queiroz.
- SÁ, Maria da Piedade Moreira de, CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da, LIMA, Ana Maria, OLIVEIRA Jr, Miguel (orgs). (1996) *A linguagem falada culta na cidade do Recife: materiais para seu estudo*. v.1. Recife: Ed. Universitária, 1996.
- SCHIFFRIN, Deborah. (1981) Tense Variation in Narrative. *Language*, v.58, n.1. p.1-21.